

Precisa-se de uma palavra

O ar de abatimento do presidente Sarney preocupa muito seus amigos. Na terça-feira, o governador Pedro Simon, que costuma fazer brincadeiras com seu amigo Sarney, evitou tentar quebrar o ambiente frio e triste do gabinete presidencial com alguma **boutade** sulista. Ontem, foi a vez dos participantes da solenidade de entrega das medalhas do Mérito Legionário, que observaram o semblante tenso do Presidente.

Dessa situação deve-se tirar um roteiro de hipóteses referentes ao quadro institucional, daqui por diante. Uma delas é a antecipação da posse do sucessor, movida pela hiperinflação que se prenuncia para janeiro, agravando a governabilidade. É claro que a indexação geral da economia favorece um certo tipo de estabilidade à beira do abismo — se não empurrarem o Brasil não cai. Mas é muito risco para um país de fome e carências urgentíssimas a resolver.

Pelo que se infere do estado de espírito presidencial, ele poderia já estar admitindo a antecipação. Com a sua própria renúncia, terá, inicialmente — e responsabilmente — que captar a tendência institucional do País, após o próximo dia 17. O Presidente, por paradoxo, teria mais alívio com a eleição de Lula que a de Collor, pois se uma coisa o sectarismo do PT não faz é presidentes raros de uma fauna extinta — a de chefes de transição. O PT parece ter muito mais a fazer do

que reviver inquéritos — ele próprio já é o Santo Inquérito.

No entanto, há que se ter uma palavra tranquilizadora do Presidente, ou de portavozes confiáveis. Os que se dedicam a um trabalho administrativo, dentro do Governo, dispostos a dar sua contribuição até o último dia do mandato, como se estivessem no seu início, precisam de orientação e balizamentos quanto ao rumo a ser tomado. No mais das vezes, esses quadros ministeriais e de assessoria estão à mercê de interpretações malévolas ou errôneas em relação à disposição do Governo e de seu chefe. Vai ser muito ruim para esse final de governo Sarney que as mágoas tomem o espaço da dignidade. De parte a parte há inteligências capazes de estabelecerem negociações sobre o futuro.

Se o presidente da República está amargurado e prostrado, deve-se ajudá-lo. Ele é ainda o senhor das decisões do País por mais três meses já que dificilmente o Congresso Nacional, a não ser sob forte comoção interna, se reuniria no recesso para votar e aprovar a emenda constitucional de antecipação da posse do futuro Presidente. Não haveria tempo sequer para ou Collor ou Lula compor uma base política para votá-la. E, lembrava Tancredo Neves, a melhor fase para um novo presidente é a que vai de sua eleição à posse. Ele é o dono do mundo, do tempo, do espaço e dos empregos. Depois, é inferno, não é, senhor Presidente?